

FRONTEIRAS TRANSITÓRIAS: O PROCESSO DA OCUPAÇÃO DA BAIXADA SANTISTA (6000 A.C. – 1996)

DRA. WILMA THEREZINHA FERNANDES DE ANDRADE*

RESUMO

É breve relato da ocupação humana do Litoral Paulista desde a Pré História 8.000 a.C. até 1.996, quando é criada a Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS) que compreende Santos, São Vicente, Cubatão, Guarujá, Bertioga, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém, Peruíbe. A primeira ocupação foi do Homem do Sambaqui que tirava sua alimentação dos manguezais e jogava as cascas dos alimentos num só lugar e que formaram montes chamados “sambaquis”, onde também enterravam os mortos. A segunda ocupação foi dos Tupi - Guarani, mais adiantados que, por volta do ano 1.000, venceram os homens dos sambaquis que fugiram para outros litorais, onde ficaram conhecidos como Botocudos. A ocupação pelos europeus termina com a Pré - História do Litoral, que se torna histórico pela colonização ibérica.

PALAVRAS CHAVES

Pré - História. Litoral. Homem do Sambaqui. Indígenas.

* Wilma Therezinha Fernandes de Andrade nasceu em Santos/SP. É formada em História e Geografia pela Faculdade “Sedes Sapientiae” da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC; mestre e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou pesquisas no Brasil, Portugal, França, Itália. É professora assistente de História na Universidade Católica de Santos (UniSantos). Tem publicações de História, didáticas, paradidáticas e de ficção. É museóloga e jornalista

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, iremos apresentar um breve histórico da ocupação do Litoral Paulista, na área da Baixada Santista, cujo desenvolvimento se dá desde a Pré-História. Assim como enunciado, o Litoral sempre fora ocupado, seja por populações rústicas que construíram montes artificiais, ou pelos indígenas que aqui habitaram e convivem com os europeus e seus descendentes.

Com o objetivo de analisar as passagens históricas que delimitaram as fronteiras desta Região, notar-se-á sua consolidação partindo das definições

pré-existentes, de caráter geográfico, econômico e social. O resultado da conquista pelos europeus foi consolidar a expansão do litoral, chamado de Marinha em contraponto ao Planalto, chamado de Sertão, interior da então Capitania de São Vicente.

A importância aqui evidente leva o leitor a buscar o conhecimento do que seria a formalização da atual região metropolitana da Baixada Santista, com 9 municípios, criada em 1996. O histórico dos municípios da Região seria o objetivo de outro trabalho. Por fim, procurou-se explicar a elevação das Vilas a Categoria das cidades, que hoje consolidam a área procurada por mais de 1 milhão de visitantes anuais, em busca de outro clima, das praias, das belezas naturais e construídas, que constituem o patrimônio da Região. Essa população flutuante é bem recebida pela população moradora. E com suas características enriquece culturalmente e economicamente a Região.

1. UM LITORAL SEMPRE OCUPADO

1.1. Nossa Pré-História

O litoral do Estado de São Paulo era milênios atrás muito diferente do atual. A área dos morros da atual Ilha de São Vicente era cercada pelo mar. A planície foi formada, lentamente, pelo trabalho incessante das ondas, carregando e depositando grandes quantidades de areia e silte. O estuário do porto de Santos foi uma ria antiga, pois ali existiu um rio que, invadido pelo mar, formou o canal por onde entram hoje os navios.

O atual Guarujá era constituído de quatro ilhas que, unidas pela sedimentação marítima, formaram a Ilha de Santo Amaro. Cubatão era área de mangues no sopé da Serra do Mar, escarpa florestada do Planalto Brasileiro, aqui chamado de Meridional.

1.2 O Homem do Sambaqui

O povoamento da região, hoje Baixada Santista, começou, aproximadamente, 8000 anos atrás com o chamado Homem do Sambaqui. Eram grupos de 80 a 100 indivíduos que só viviam no litoral.

Figura 1 – Sambaqui em ilhota localizada em Angra dos Reis.



Fonte: Divulgação/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Alimentavam-se de peixe, ostras, mariscos e outros frutos do mar e pequena caça. Não conheciam a agricultura e a cerâmica, por isso só habitavam o litoral que lhes fornecia a base da alimentação. Jogavam os restos dos alimentos no mesmo lugar, formando montes ou colinas pelo amontoado de conchas, ostras, mariscos, cascas de caranguejo, ossos de peixes e de pequenos animais, onde enterravam os mortos, com artefatos, terra, cobertos de vegetação, sempre próximos ao mar. Esse monte artificial é o **sambaqui**, também chamado de **casqueiro**, **ostreira** e **sernambi**.

Quando os recursos naturais escasseavam, mudavam de lugar, mas sempre junto ao mar. Quando o local era abandonado, às vezes, outro grupo poderia ocupar o sítio, se o meio-ambiente estivesse já favorável à sobrevivência e o sambaqui era aumentado.

Trabalhavam a pedra (que lascavam e poliam e usavam como armas e ferramentas para cortar alimentos); ossos e, certamente, a madeira.

Figura 2 - Pedra polida com ponta afiada - Sambaqui da Bertioga



Fonte: Acervo Particular.

Figura 3 - Armas e instrumentos encontrados nos Sambaquis na Ilha de Santo Amaro, no Canal da Bertioga e Litoral Sul.



Fonte: Acervo Particular

Moravam em cabanas próximas ao sambaqui e usavam adornos como colares. A altura do homem era, em média, de 1,63m e a da mulher, 1,52m. A vida média é calculada de 25 a 30 anos.

Os mortos eram colocados em posição lateral no sambaqui com seus pertences e adornos, recobertos de conchas, ostras e ossos de peixes, o que permitiu um elevado grau de conservação dos esqueletos. O exame das arcadas dentárias indica grande abrasão dos dentes, às vezes, até a gengiva o que mostra que os dentes eram gastos em alimentos duros e abrasivos.

Existiram na Ilha de Guaiaó, hoje São Vicente, vários sambaquis, junto ao Canal do Casqueiro, cujo nome revela a existência desses grupos primitivos.¹ Também existiu em Santos, junto ao Lagamar do Enguaçu.

O Homem do Sambaqui foi vencido pelos Tupi-guarani (organizados em tribos de 300 a 400 indivíduos, procedentes do interior do Continente, conhecedoras da cerâmica e agricultura e hábeis no manejo do arco e flecha), que atingiram o litoral por volta do ano 1000. Supõem-se que os Botocudo (quase extintos em guerras no século XIX) – muito atrasados e considerados inimigos pelos Tupi – fossem sobreviventes do Homem do Sambaqui. Na linguagem popular, uma pessoa ignorante e atrasada é, às vezes, chamada de “botocuda”.

A USP, na década de 1970, escavou, durante meses, o sambaqui do Buracão, junto ao canal da Bertioiga, na Ilha de Santo Amaro, Guarujá, sob a direção do Prof^o Paulo Duarte, segundo o qual, o sambaqui seria um centro social múltiplo, local de reunião coletiva, monumento do Homem Páleo-Americano.

A Dra. Dorath Uchoa escavou o sambaqui da Cosipa (hoje Usiminas), junto à caieira (fabrica de cal), dos jesuítas, cujas ruínas atestam uma das primeiras atividades industriais de Cubatão. Outros sambaquis foram encontrados na Ilha do Casqueirinho, em Cubatão.

Os sambaquis foram, em grande parte, destruídos pelos colonizadores portugueses e descendentes, para obtenção da cal utilizada para construções mais resistentes em edificações importantes destinadas a maior durabilidade. Exemplo disso é a parede que se encontra hoje na chamada Casa de Martim Afonso, junto à Praça 22 de janeiro, em São Vicente. Nessa parede do século XVI, veem-se vestígios de conchas e ostras. Ainda em São Vicente, nas ruínas do chamado Porto das Naus (que foi o engenho de açúcar de Jerônimo Leitão, de 1580), encontram-se vestígios de sambaquis. No Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, na Zona Noroeste, em Santos, encontraram-se conchas, ostras e uma arcada dentária humana. O engenho foi construído sobre um sambaqui, segundo o Prof^o Paulo Duarte.

Após a Independência, a destruição dos sambaquis continuou causando grandes prejuízos para a cultura. A legislação atual protege os sambaquis ainda existentes.

1.3 Novas populações chegam ao litoral: os indígenas

Tribos Tupis Guaranis ocupam o litoral. Vejamos o caso da Ilha de Guaiaó, antes da chegada dos europeus.

Figura 4 – Na Ilha de Guaiaió, na cidade de São Vicente, hoje, assentava a tribo de Piquerobi e, em Santos, a de Caiubi.



Fonte: Wilma Therezinha - 2015

Caiubi, (*Flecha de Madeira*), cacique Tupi, ocupava parte Leste da Ilha de Guaiaió e chefia-va as tribos entre a Serra de Paranapiacaba e a região do Vale do Jeribatiba (hoje Jerubatuba), em Santos Continental. Era irmão dos caciques Tibiriçá e Piquerobi. É curioso que, antes da colonização, Caiubi e sua tribo ocupavam onde se localiza hoje, a maior parte da cidade de Santos. O poder de Caiubi estendia-se até a Bertioga. Já aí era a fronteira perigosa com os Tamoio, inimigos dos Tupi.

O outro lado da Ilha de Guaiaió era ocupado por Piquerobi, cacique irmão de Caiubi e Tibiriçá.

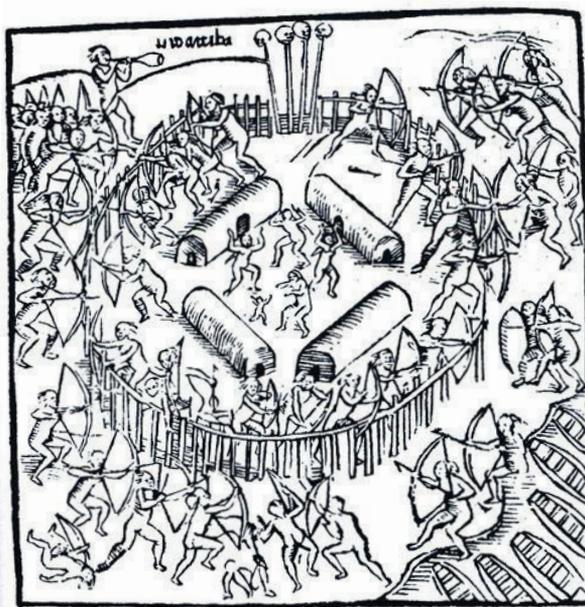
Piquerobi (*Lambari Azul*) tinha o aldeamento do Tumiáru compreendendo a faixa da Ilha de Guaiaió ocupava com sua tribo a atual Zona Noroeste e cidade de São Vicente, até a morraria de Itararé; da Ilha Urubuqueçaba ao Mar Pequeno e deste até a encosta da Serra do Mar e mandou, também, até o Vale do Urarai (no Planalto), onde se situou (após a vinda de Martim Afonso de Souza, em 1532).

É curioso constatar que a ocupação do Litoral não era permanente. O local de preferência dos indígenas Tupiniquim era o Planalto Paulista onde havia melhores condições para o cultivo da mandioca e do milho. Desciam do Planalto para o Litoral em determinadas épocas para apanhar sal, pescar e tomar banho de mar, considerado por eles, benéfico, daí o nome da Praia do *Imbaré*, que significa: bom para a saúde. Qualquer semelhança com os dias atuais é mera coincidência...

1.4 Conflitos entre tribos Tupis-Guaranis

No sul do Litoral Paulista, apareciam, às vezes, os Carijó, inimigos dos Tupi. As tribos tinham frequentes lutas, contra os Tupinambá ou Tamoio e os Carijó.

Figura 5 – Ataque a uma Taba por indígenas.



Fonte: Hans Staden. Duas viagens ao Brasil, 1557.

As tribos indígenas viviam em constantes lutas. Aqui um grupo índio cerca e ataca uma taba inimiga, que é defendida com valentia.

As mulheres na ocará (centro da taba), demonstram grande nervosismo.

A aldeia protegida por uma cerca (caçara), tem quatro ocas (casas coletivas) e, na entrada, caveiras de inimigos.

Figura 6 – Dois chefes tupinambás



Fonte: Hans Staden. Duas viagens ao Brasil, 1557.

Dois chefes tupinambás enfeitados com penas de aves e pinturas, inclusive nos rostos, um deles portando arco e flecha.

Os Tupinambá eram inimigos dos Tupiniquim e assim também combatiam os portugueses.

1.5 A permanência dos vocábulos indígenas

A presença dessas tribos tupiniquins é atestada pelas designações que permanecem na região. Eis alguns exemplos:

1 - Sambaqui	16 - Tumiaru	31 - Tupinambá
2 - Guaiaó	17 - Voturuá	32 - Piaçaguera
3 - Enguaguaçu	18 - Japuí	33 - Itaipu
4 - Itororo	19 - Xixová	34 - Mongaguá
5 - Paquetá	20 - Paranapuã	35 - Itanhaém
6 - Saboó	21 - Pompeba	36 - Itupeva
7 - Macuco	22 - Guaíbe	37 - Piqueri
8 - Jabaquara	23 - Guarujá	38 - Peruíbe
9 - Caruacra	24 - Itapema	39 - Jureia
10 - Cutupé	25 - Perequê	40 - Abarebebê
11 - Paranapiacaba	26 - Iporanga	41 - Iguape
12 - Jurubatuba	27 - Tucuruçutuba	42 - Tupiniquim
13 - Embaré	28 - Bertioga	
14 - Urubuqueçaba	29 - Camburi	
15 - itararé	30 - Itapanhaú	

Esses topônimos, as vezes um pouco modificados, registram a ocupação Tupi-Guarani em nosso Litoral.

2. A ERA COLONIAL

2.1 A Chegada dos Europeus

Para reconhecer a Terra de Santa Cruz, descoberta em 1500, D. Manuel, rei de Portugal, mandou uma expedição de três caravelas, chefiada por Gonçalo Coelho, tendo vindo contratado, como cartógrafo, Américo Vespúcio.

Esta expedição saiu de Lisboa, em 1501 e percorreu o Litoral brasileiro desde o Cabo de São Roque (Rio Grande do Norte), descobriu a Baía de Guanabara que chamou de Rio de Janeiro, por ser dia 1ª de Janeiro de 1502. No litoral paulista, descobriram uma Ilha que chamaram de São Sebastião, por ser dia 20 de janeiro de 1502.

Prosseguindo, descobriram a Ilha de Guaiaó e ancoraram num porto, que chamaram de São Vicente, por ser 22 de janeiro, dia de São Vicente Mártir, localizado, aproximadamente, onde há a Ponte dos Práticos, na Ponta da Praia.

As descobertas portuguesas no litoral paulista: Guaíbe (Guarujá) e Guaiaó (São Vicente), ocasionou uma enorme mudança, terminando com a Pré-História da região.

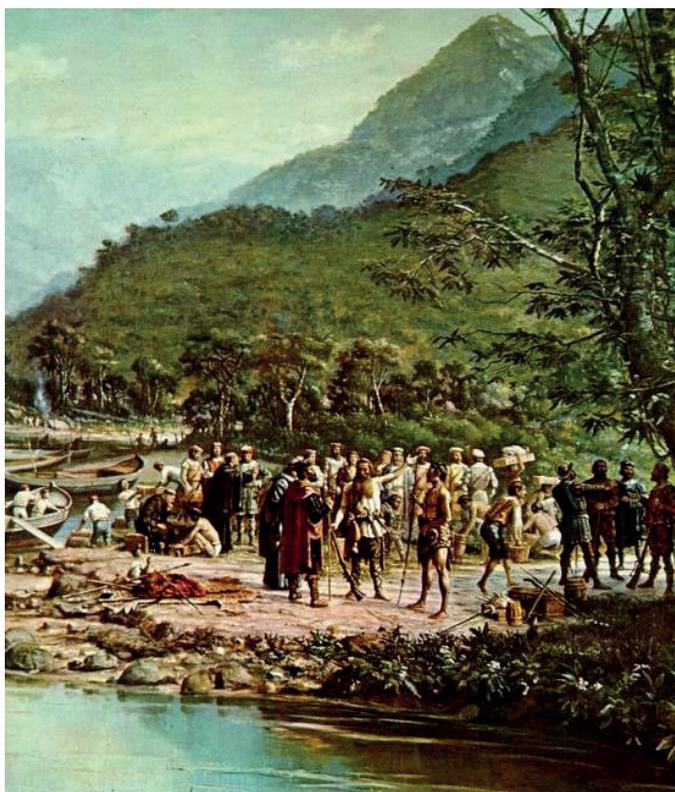
Navegando para o sul, a expedição atingiu até Cananéia, onde deixou um degredado, Cosme Fernandes, que ficou conhecido como o Bacharel de Cananéia. Conhecendo a superioridade do Porto de São Vicente sobre o de Cananéia, veio para a Ilha de Guaiaó, chamada de São Vicente, onde estabeleceu, apoiado pelos tupiniquins, um pequeno povoado, gerando os primeiros mamelucos, no que foi acompanhado por outros europeus: aventureiros, degredados e náufragos.

O cacique Piquerobi foi pai da índia casada mais tarde com o português Antônio Rodrigues, batizada pelos jesuítas com o nome de Antônia Rodrigues, confirmando a miscigenação luso indígena que originou a população brasileira.

Tibiricá (*Vigia da Terra*), poderoso cacique tupi, chefiava os Tupiniquim nos campos de Piratininga, na aldeia de Inhapuambuçu. Dominava, portanto, a região do Planalto que se estende do Rio Grande ao Tietê.

Entre seus vários filhos, houve Potira ou Bartira, mulher de João Ramalho, o primeiro homem branco a subir o Planalto, um dos pioneiros do Brasil. Foi a pedido do genro, que Tibiricá permitiu aos portugueses que desembarcassem, em 1532 e por sua interferência, Caiubi não impediu o desembarque de Martim Afonso de Sousa.

Figura 7 – Martim Afonso em Piaçaguera encontra João Ramalho.



Fonte: Quadro de Benedicto Calixto o/s/t. Acervo: Palácio São Joaquim, no Rio de Janeiro

O Povoado foi elevado como **Vila de São Vicente**, em 1532, por Martim Afonso, enviado real, para não deixar o local fora do alcance português, visto que o local já era conhecido (como é atestado pelo mapa mundi de Cantino, de 1502), e abastecia navios espanhóis, que

se dirigiam às Filipinas pelo Estreito de Magalhães, no Sul do continente. Então, a Capitania de São Vicente foi doada à Martim Afonso, em 1535.

Posteriormente, Caiubi travou a posse efetiva do Vale do Jeribatiba, doado em sesmaria, em setembro de 1536, por D. Ana Pimentel, mulher e procuradora de Martim Afonso (que tinha ido para a Índia), a Brás Cubas, que também nomeado locotenente da Capitania de São Vicente.

Um segundo núcleo urbano surgiu por iniciativa de Brás Cubas, que transferiu o porto de “São Vicente”, então localizado na Ponta da Praia, para o Lagamar de Enguaguaçu, próximo ao pequeno morro, que se chamou logo depois *Outeiro de Santa Catarina*. Esta transferência – no início da década de 1540 – foi a origem de uma **Nova Povoação**. Foi elevada com o nome de **Vila do Porto de Santos**, entre 1545 e 1547, por Brás Cubas, emancipando-se da Vila de São Vicente, antiga Guaiaó. Assim, na 1ª metade do século XVI, dois núcleos urbanos portugueses se firmam na Ilha de São Vicente ou Guaiaó.

Figura 8 – Brás Cubas lendo o foral de Santos.



Fonte: Quadro de Benedicto Calixto o/s/t. Acervo: Paineis no Palácio da Bolsa Oficial do Café em Santos.

Caiubi desistiu do Vale Jeribatiba e da ilha de Guaiaó e foi morar no Planalto de Piratininga, em Tabatinguera, próximo ao local onde depois os jesuítas fundaram a escola de São Paulo (1554). Convertido por eles ao catolicismo, recebeu o nome de João no batismo e andava com uma cruz e um bordão. Faleceu em 1561, com mais de 100 anos de idade, segundo José de Anchieta.

2.2 Portugal ocupa o Brasil

Na época pré-afonsina, os europeus subiram a Serra do Mar por trilha indígena, sendo João Ramalho, primeiro branco a subir ao Planalto, casou-se com Potira ou Bartira, filha de Tibiriçá e com numerosos filhos localizou-se num povoado, origem da primitiva Santo André da Borda do Campo. Martim Afonso também subiu a Serra do Mar e fundou, com povoadores dispersos, uma Vila em Piratininga, segundo Pero Lopes de Sousa (que registrou a viagem no Diário da Navegação), mas esta Vila não prosperou.

Figura 9 – João Ramalho e um de seus filhos, neto de Tibiriçá.



Fonte: Quadro de J. Wash Rodrigues o/s/t. Acervo: Museu Paulista – Ipiranga – São Paulo

A região, hoje paulista, foi administrativamente dividida em Capitânicas hereditárias: São Vicente, Santo Amaro e Sant’Ana entre os dois irmãos Martim Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza, em 1535. No século XVI, podemos visualizar assim o domínio da região da atual Baixada Santista: São Vicente tinha em seu termo (território), além da área insular, na parte continental, os atuais municípios de Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém (que logo se desligou, Vila em 1561).

Santos, além da área insular, possuía vasto território continental. A Ilha de Santo Amaro (Guarujá), Cubatão e Bertioga, no decorrer dos séculos, pertenceram ao município santista.

A influência indígena foi significativa na cultura que se desenvolve a partir dessa época. Nos usos e costumes: a rede para dormir ou descansar; o hábito do banho diário; mutirão – trabalho conjunto de vizinhança ou comunidade –; constante mobilidade para mudanças habitacionais; uso de práticas medicinais; permanência de termos tupis enriquecendo o português, como já indicado.

A vinda da Companhia de Jesus ao Brasil (1549) fez parte de uma estratégia de ocupação portuguesa, para conseguir adesão dos indígenas, muito mais numerosos, por meio da catequese e do intercâmbio linguístico entre o tupi e o português.

No nosso Litoral, os jesuítas chegam em 1553 com Manuel da Nóbrega, Leonardo Nunes e pelo Natal, o noviço José de Anchieta.

Manuel da Nóbrega foi um estadista na ocupação do Brasil para os portugueses. Em 1553, subiu a Serra do Mar com o Padre Manuel de Paiva, (primo de João Ramalho), e rezou

uma missa, em 29 de agosto de 1553, para 50 catecúmenos (índios que conheciam o cristianismo, mas ainda não tinham sido batizados). No ano seguinte (1554), Manuel da Nóbrega voltou ao Planalto, com doze Irmãos de Jesus, incluindo José de Anchieta. O Cacique Tibiriçá, cuja taba era onde hoje é o mosteiro de São Bento, no centro de São Paulo, orientou Nóbrega, indicando a colina de Piratininga, entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, para fundar uma Escola para a catequese, local seguro contra possíveis ataques de índios inimigos. A escola foi chamada **São Paulo**, por ser 25 de janeiro, dia de São Paulo Apóstolo.

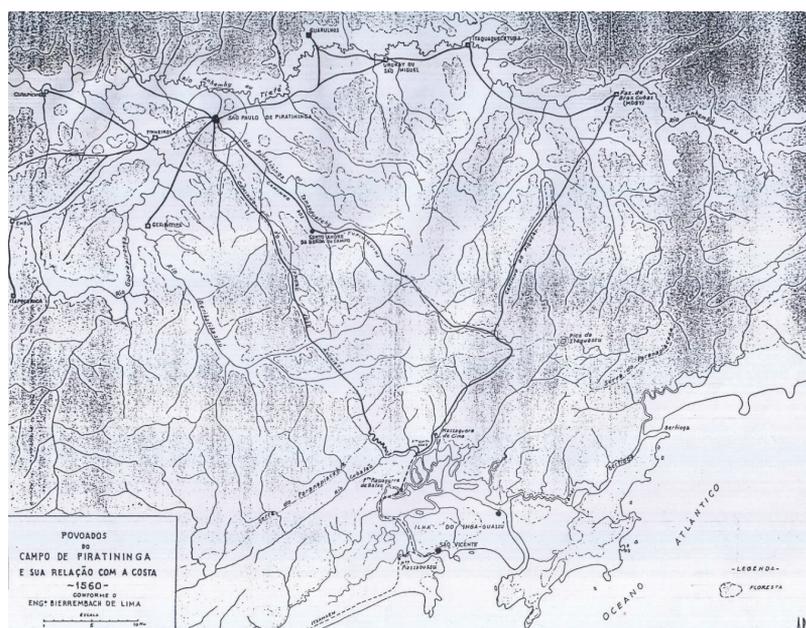
É importante esclarecer que um dos motivos de fundar uma escola no Planalto foi que o solo do Litoral não oferecia plenas condições agrícolas para manutenção dos curumins (crianças indígenas) e filhos dos povoadores, na Vila de São Vicente.

O Povoado de São Paulo de Piratininga foi elevado à categoria de Vila em 1560, por D. Duarte da Costa, segundo governador geral do Brasil.

2.3 As ligações entre o Litoral e o Planalto

O binômio Vila do Porto de Santos e Vila de São Paulo de Piratininga, a partir de 1554, fortaleceu-se, por motivos geográficos e econômicos, ficando as duas Vilas em dependência uma da outra. Só na segunda metade do século XVIII, é que São Paulo (Cidade desde 1711) tornou-se mais importante do que Santos.

Figura 10 - Povoados do campo de Piratininga e sua relação com a costa - 1560



Fonte: Jaime Cortesão - A fundação de São Paulo: a capital geográfica do Brasil.

Segundo José de Anchieta, tupis ou guaianases e carijós, confederados, chefiados por Jagoanharo, filho de Piquerobi - portanto sobrinho de Tibiriçá - atacaram a Vila de São Paulo de Piratininga, em 9 julho de 1562. A luta durou dois dias, mas apoiados por índios convertidos pelos jesuítas e chefiados por Tibiriçá deu a vitória aos brancos e os jesuítas lhe ficaram muito gratos.

Tibiriçá tinha sido antropófago, costume que abandonou por influência dos jesuítas, assim como os seus comandados. Sobre ele escreveu Anchieta, que o considerava um benfeitor.

Fez testamento e faleceu de “câmaras de sangue” (diarreia hemorrágica) em 25 de dezembro de 1562 e está sepultado na cripta da Catedral de São Paulo, depois de ter estado na igreja dos jesuítas, onde foi enterrado com grandes honras.

Podemos considerar que a ocupação do território, que hoje é o Brasil, iniciou-se, pois, na Ilha de São Vicente e firmou-se em dois pioneiros núcleos urbanos: as Vilas de São Vicente e a Vila do Porto de Santos. Essa ocupação considerou as vantagens da Ilha: acesso natural para navios, um mar interno de águas tranquilas, existência de água, facilidade para pesca, frutas (goiaba, palmito, maracujá), morros propícios à defesa, presença de madeira, como material para construção e combustível, praias favoráveis para a comunicação e terrenos planos para as construções.

Mesmo com essas facilidades naturais, havia problemas. Um deles era a mão de obra necessária para as construções, agricultura de subsistência e defesa dos locais. Uma solução foi a aliança com tribos indígenas que aceitaram a presença dos portugueses, mas em contraponto, os lusitanos enfrentaram a hostilidade de tribos adversárias que combatidas e, quando vencidas, foram escravizadas.

Havia necessidade de uma base econômica, conforme a ideia mercantilista, o que foi resolvida com a implantação da economia açucareira, tendo sido importada a técnica do fabrico do açúcar com a energia da mão de obra escrava indígena.

A ocupação europeia, notadamente ibérica, sobrepôs-se à presença indígena de modo permanente. Medidas administrativas, como a criação de Vilas, imposições legais, sociais e religiosas, configuraram a formação de uma nova sociedade luso-indígena no trópico.

2.4 Colônia e Metrôpole

Segundo o Dicionário Michaelis, chama-se Colônia “um território controlado politicamente por um Estado, situado fora de suas fronteiras geográficas, domínio, posse”. Trata-se também de um território ocupado e administrado por um grupo de indivíduos com poder militar, ou por representantes do governo de um país (Metrôpole).

2.4.1 Quando começa a Era Colonial no Brasil?

Consideramos Pré-colonização (1500 – 1532) o período em que houve descoberta, conhecimento litorâneo, contatos com indígenas, feitorias e início da ocupação, com o Povoado de São Vicente na Ilha do mesmo nome.

A Colonização compreende a posse do território pelos portugueses por meio de sesmarias (doção de terras) – 1532; capitanias de foro e herdade, chamadas hereditárias – a partir de 1534 (primeira divisão administrativa); capitanias reais que, a partir de 1548, sucedem, aos poucos, as hereditárias.

Estabelecem-se núcleos urbanos no modelo da Metrôpole: Povoações (aldeias), Vilas e Cidades, essas com **forais** – documentos com determinação de direitos e obrigações das autoridades e moradores, sistema fiscal, criação das Câmaras com poder legislativo e executivo para implantação das Ordenações portuguesas e espanholas chamadas filipinas.

Um problema para a colonização portuguesa: a indesejável presença não Ibérica: franceses se estabelecem no Rio de Janeiro – meados do século XVI – e no Maranhão – início do século XVII – além de corsários ingleses e holandeses.

No atual Litoral Paulista, houve também a presença incômoda de corsários e piratas.

2.5 Povoados e Vilas: Marinha e Sertão

Mesmo no século XVI, núcleos pontilharam o litoral. Na condição de Vilas, São Vicente (1532), Porto de Santos (c. 1545/1547) e Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém (1561), garantem a posse portuguesa. Ao redor ou nas proximidades delas, outros núcleos se estabelecem nos primórdios da colonização, como Bertioga, uma das entradas para o Porto de Santos, pelo Canal da Bertioga.

O núcleo de Santo Amaro (Guaíbe), frequentemente atacado pelos Tupinambá, inimigos dos portugueses e dos Tupiniquim, não prosperou sendo abandonada.

Na região de Serra Acima, com as fundações de Santo André da Borda do Campo e São Paulo de Piratininga, alargou-se a área ocupada pelos povoadores. A comunicação entre o litoral – chamado de **Marinha** – e o planalto de Serra Acima, chamado **Sertão** era obstaculizada pela íngreme Serra do Mar e pela exuberante Mata Atlântica, cujos ásperos caminhos foram, unanimemente, alvo de lamúrias por parte daqueles que precisavam percorrê-los. O Planalto, porém, foi também conquistado aos Tupi e o espaço europeu foi se alargando sem cessar.

A fronteira não era mais somente litorânea e linear; atingia o interior, desde meados do século XVI; e a ocupação portuguesa era constante.

Cubatão foi, desde os tempos pré-cabralinos, passagem obrigatória entre a Ilha de Guaiaó (São Vicente), e o campo de Piratininga e assim permaneceu até os nossos dias.

A Ilha de Guaíbe, montanhosa e sem locais favoráveis à ancoragem de navios, não teve importância significativa no período colonial. Outro aspecto negativo era ser vulnerável aos ataques dos Tupinambá, ferozes guerreiros inimigos dos Tupiniquim, chamados por esses de Tamoios, que significava inimigo.

Havia uma área fronteira entre as tribos Tupiniquim e Tupinambá. Em determinada época do ano, para a pesca da tainha, os Tupinambá vinham do litoral – hoje fluminense – e conflitavam com os Tupiniquim. Por este motivo, a região da Bertioga e Guaíbe era uma fronteira perigosa e essa ameaça atingiu os portugueses decididos a permanecerem no Brasil. Segundo relato de Hans Staden, vítima desse confronto, foi aprisionado pelos Tupinambá antropófagos e obrigado a viver com eles perigosamente.

De São Vicente, o caminho para Iguape era pelas praias e trilhas, passava pela praia da Conceição – chamada hoje acertadamente de Praia Grande – atingindo Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe, onde as ruínas da igreja de São João Batista – chamadas de Abarebebê – testemunham o trabalho de evangelização dos jesuítas como o de Leonardo Nunes.

Assim, os primeiros espaços ocupados pelos portugueses foram tomados ou cedidos pelos indígenas e foram melhor delineados pela vitória final sobre eles. Para garantir a permanência dos núcleos urbanos, construções arquitetônicas se destacam: igrejas, capelas, fortes e fortalezas contra os ataques indesejáveis dos rivais europeus: franceses, ingleses e holandeses.

No Litoral Norte, destaca-se a Vila de São Sebastião, dotada de porto, próxima à Ilha Bela da Princesa a que se chegava por meio de uma travessia marítima, tal como hoje.

Em direção ao Litoral fluminense, passa-se por Caraguatatuba e Ubatuba. Desses núcleos, São Sebastião (1636) era o que mais contato teve com Santos, porém a superioridade do porto santista, o deixou em segundo plano.

No Litoral Sul, além de Peruíbe, destaca-se Nossa Senhora das Neves de Iguape, Vila desde 1577 e São João Batista de Cananéia, Vila dez anos mais tarde.

Curioso é constatar que a atual divisão do Litoral paulista corresponde, grosso modo, à ocupação indígena. No centro, o grupo Tupiniquim, na área do Litoral para o Norte, a partir de Bertioga, os Tupinambá e na área do Litoral Sul, os Carijó. Entretanto, constata-se que os espaços físicos ocupados pelos indígenas na Pré-História já delineavam áreas fronteiriças entre grupos primitivos.

Na época colonial, havia solidariedade entre essas populações ameaçadas por ataques corsários e piratas de nações inimigas, rivais de Portugal e Espanha.

Os limites, que iam do território de Bertioga até Peruíbe, correspondem hoje à Região Metropolitana da Baixada Santista (criada em 1996) que compreende Santos; São Vicente; Cubatão; Guarujá; Bertioga; Praia Grande; Mongaguá; Itanhaém e Peruíbe. E de Ubatuba a Iguape, o atual Litoral do Estado de São Paulo desde a Pré-História (c. 8000 anos, no total) até hoje atraiu diversos grupos humanos e por isso, o litoral sempre foi ocupado.

2.6 O problema da segurança

O grande problema do litoral vicentino (hoje paulista), na época colonial era ameaça constante dos ataques dos Tupinambá – armados pelos franceses estabelecidos na Baía de Guanabara (Rio de Janeiro) – e dos ataques corsários e piratas de países europeus. Daí a necessidade de construção de fortes, seis ao todo, dois a dois.

- **Forte da Praça ou da Vila**; também chamado do Monte Serrat, localizava-se nos fundos do edifício da Mesa de Rendas – Delegacia Regional Tributária de Santos – Centro –, demolido.

- **Forte de Vera Cruz do Itapema** (Guarujá); parcialmente demolido. Hoje Posto Fiscal da Alfândega, cogita-se sua restauração, devia cruzar fogo com o forte da Vila.

- **Forte de São Felipe** (Guarujá). Atualmente em ruínas.

- **Forte de São Thiago, hoje São João** (Bertioga). Restaurado é sede do Museu João Ramalho.

- **Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande de Santos** na Ilha de Santo Amaro, Guarujá, chamada popularmente de “Fortaleza Velha”, abrangia o Fortim da Praia do Góes, em ruínas. A Fortaleza da Barra Grande, restaurada, está aberta ao público. Cruzava fogo com o Forte da Estacada ou do Castro.

- **Forte da Estacada ou do Castro** (Ponta da Praia), demolido, local onde foi construída a Escola de Aprendizes de Marinheiros e hoje abriga o Museu do Instituto de Pesca de Santos, cujo jardim conserva ainda um canhão, lembrança de um passado bélico.

A vida não era nada fácil, quando os ataques dos índios inimigos cessaram, continuou a ameaça dos ataques dos corsários e piratas, ingleses, franceses, no século XVI e holandeses a partir do séc. XVII.

Determinação, persistência e coragem tornaram a terra definitivamente ocupada pelos portugueses e luso-brasileiros.

2.7 Outro problema: a questão sanitária

A concentração de pessoas na cidade de Santos, a falta de saneamento básico, as ruins condições de vida no porto, trouxeram a Santos um período de desgraças: as epidemias. Começou com as de febre amarela, em 1873, depois a de varíola, em 1888, apesar de muitos dos seus 15 mil habitantes terem abandonado a cidade. Os hospitais não davam vencimento

em atender aos doentes e muitas enfermarias e isolamentos foram instalados em conventos e mosteiros, como os do Carmo e de São Bento. Também surgiram outras como a peste bubônica, transmitida pelos ratos e difteria e outras.

A tuberculose era a que mais fazia vítimas, principalmente, entre as camadas pobres da população. A situação era apavorante e o governo proibiu atracação de navios nas pontes e o café era levado em pequenos barcos até os navios. Tudo isso trazia graves prejuízos para a cidade e região.

O café rendia muito dinheiro, mas Santos tornara-se um porto maldito. Tanta gente morria que foi preciso construir um novo cemitério, o do Saboó, bem maior do que o do Paquetá.

Pressionado, o Governo do Estado criou duas Comissões: a Sanitária pelo médico Dr. Guilherme Álvaro e a do Saneamento, chefiada pelo eng. Saturnino de Brito, que projetou e executou um plano que corrigiu as péssimas condições ambientais de Santos, com a construção de canais de drenagem superficial, um moderno sistema de esgotos, levando os detritos e águas servidas para serem lançados além da ponta de Itaipu, passando pela Ponte Pênsil projetada para ligar a ilha de São Vicente ao continente, inaugurada em 1917, foi aproveitada para o tráfego de veículos e ajudou a comunicação para os atuais municípios de Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe.

O saneamento foi uma obra importante para Santos que se tornou uma cidade saudável e moderna, com expansão urbana. Para manter o saneamento, foi construído o Emissário Submarino e o esgoto deixou de ser lançado na Praia Grande (Emissário na Ponta do Itaipu). Em 1980, o Emissário Submarino foi ativado totalmente, com a interligação dos canais de drenagem, ainda em funcionamento.

Sem saneamento não pode haver saúde.

2.8 O Litoral e a superação das fronteiras geográficas

A partir da década de 1850, quando a exportação do café suplanta a do açúcar, o desenvolvimento de Santos é impressionante. O progresso das cidades litorâneas atrai migrantes do nordeste e imigrantes europeu: portugueses, espanhóis, italianos, ingleses e asiáticos, como japoneses, desde 1908.

A estrada do mar, nome dado a estrada de rodagem primeiro chamada de Rodovia da Maioridade, por ter sido aberta no início da década de 1840, não dava conta de trazer a produção agrícola do Planalto para a exportação, pelo Porto de Santos, agora cidade. Mas, o grande avanço foi a construção arrojada da Estrada de Ferro que construída pela São Paulo Railway Co. ficou chamada de “Inglesa” e funcionou a partir de 1867, ligava a icônica Estação da Luz à Estação do Valongo.

Acrescente-se o enriquecimento material e social da sociedade Paulista, que na Baixada tem características próprias, que se refletem como na linguagem. No século XX, novas fronteiras se delimitam, pela criação dos municípios de: Cubatão (1948), Guarujá - estância sanitária (1934), Bertioga (1991) no caso de Santos. Já no caso de São Vicente foram criados: Praia Grande (1967), Mongaguá (1958); por sua vez, Itanhaém fica separada de Peruíbe (1959) e Itariri (1949), que não faz parte da Baixada Santista.

2.9 Cronologia da criação das cidades da Baixada Santista

1º) Santos –	1839
2º) São Vicente –	1895
3º) Itanhaém –	1906
4º) Guarujá –	1934
5º) Cubatão –	1948
6º) Mongaguá –	1958
7º) Peruíbe –	1959
8º) Praia Grande –	1963
9º) Bertioga –	1991

Em 2013, renasceu o movimento pró-emancipação de Vicente de Carvalho (antiga Itape-
ma) em relação ao município de Guarujá, mas nada ocorreu até agora.

3. A REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA

Foi criada pela Lei Complementar Estadual nº 815, de 30 de julho de 1996, nos termos da Lei Complementar nº 760 de 1º de agosto de 1994. Situada no Litoral do Estado de São Paulo abrange nove municípios: Santos; São Vicente; Cubatão; Guarujá; Bertioga; Praia Grande; Mongaguá; Itanhaém; Peruíbe. A existência de problemas comuns a esses municípios e tentativas de solucioná-los, provocou, por vários anos iniciativas dos municípios e de grupos interessados que, após vários anos, conseguiu a criação da Região Metropolitana da Baixada Santista.

Os interesses comuns motivaram a criação da AGEM – Agência Metropolitana da Baixada Santista (1998), cuja função principal é atender os interesses comuns aos nove municípios. Esta Região Metropolitana (uma das 15 Regiões Metropolitanas do Estado de São Paulo) consolida uma ocupação do litoral que foi ocupado desde remota Pré-História. Consta atualmente de uma área de 2.422.766 km², abriga uma população fixa estimada em 1.897.551 (segundo IBGE, 2021) e atinge, em certas épocas do ano, mais de 1.500.000 de população flutuante a procura das praias, o chamado turismo de verão.

Sua maior importância advém de dois fatores principais: possui o maior porto de mar do Brasil e da América Latina e segundo, é a principal entrada e saída marítima do Estado de São Paulo, que tem a mais forte economia da Federação.

Figura 11 - Divisão Político-Administrativa da Região Metropolitana da Baixada Santista



Fonte: AGEM – Disponível em: http://www.agem.sp.gov.br/rmbs_historia.htm

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter demonstrado, de forma sucinta, que a ocupação desta parte do Litoral paulista desde a Pré-História até a nossa época contemporânea.

Sabemos que muitos fatos e interpretações terão faltado, mas temos a visão otimista de ter contribuído com subsídios para demonstrar nosso propósito inicial de que o nosso Litoral sempre foi ocupado.

Podemos considerar a memória uma ferramenta do cérebro para preparar o indivíduo para uma vida adaptada ao meio que habita com o mínimo de esforço. Ter memória facilita a vida cotidiana, fornece base cognitiva para ampliação de conhecimento e colabora na inserção do indivíduo ao grupo social. A incorporação do espaço e de suas referências- naturais ou construídas- contribui para dar-lhe mais segurança e favorece o seu equilíbrio.

O Patrimônio imaterial, rico em referências ao passado, acrescido das novidades do presente e do cotidiano, enriquece o acervo de cultura do indivíduo que, conforme sua vivência, o torna especial.

A História é a ação do homem ocupando espaços vendo-se os lugares onde a história aconteceu, conhecendo-se os testemunhos do passado, aumentamos nosso conhecimento de um modo que, dificilmente esqueceremos. Desenvolvendo nossa capacidade de visão, percebemos melhor e com rapidez a herança de outras épocas.

A História que se pode ver é um espaço com memória.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, W. T. F. de. Coleção Santista: o que se pode ler sobre Santos. *Leopoldianum*: Revista de estudos e comunicações, Santos, 1974.

_____. *Presença da Engenharia e da Arquitetura na Baixada Santista*. Santos: AEAS-São Paulo: Nobel das Artes, 2000.

_____. *O discurso do Progresso: a evolução urbana de Santos. 1870-1930*. Tese de doutorado apresentada à área de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1989. Inédita, no CDBS, na Biblioteca Central da Unisantos e na FAUS.

_____. *Um pouco da História da Baixada Santista: origens e evolução urbana*. Santos; São Vicente; Cubatão; Guarujá; Praia Grande. *Leopoldianum*: Revista de estudos e comunicações, vol. XVI, nº 46, 1989. p. 111-126

_____. *Um pouco da História da Baixada Santista: origens e evolução urbana*. Bertioiga; Mongaguá; Itanhaém; Peruíbe. Santos, digitado, 2013, no CDBS.

_____. Os Três painéis de Benedicto Calixto no Palácio da Bolsa de Café: tesouros da arte e da história de Santos. *Leopoldianum*: Revista de estudos e comunicações, ano 25, nº 67. Santos: dez 1998, p. 11 e ss.

_____. Patrimônio I - A Evolução de Santos através de Mapas. Rio de Janeiro: *Revista AB Arquitetura do Brasil*, nº XIX, V. Gagliardi, 1988. p. 9 - 23.

Mapa 1 - 1765 - **A Vila Caminha para Oeste;**

Mapa 2 - 1822 - **Santos na época da Independência;**

Mapa 3 - 1878 - **Santos: a nova cidade do café;**

Mapa 4 - 1990 - **Santos no final do século XX.**

_____. Santos na opinião de um juiz no século XVIII. [Marcelino Pereira Cleto]. *Leopoldianum*: Revista de estudos e comunicações, vol. I, nº2. Santos, dez. 1974. p. 111-126.

ARAÚJO FILHO, J. R. de. *Santos: o porto do café*. Rio de Janeiro: IBGE, 1969.

AZEVEDO, A. de. (coord.). *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: EDUSP, 1965. 4 vols. .

ÁLVARO, G. *A Campanha sanitária de Santos: suas causas e seus efeitos*. São Paulo: Serviço Sanitário do Estado de SP/ Casa Duprat, 1919.

AULICINO, D. *Santos, porta aberta ao mar: a margem de alguns capítulos de sua história 1500-1600*. São Paulo: Impres, 1963.

BARBOSA, G. C. *Santos e seu arrabaldes*. São Paulo; Cultural, 2004.

BRITO, F. S. R. de. *A planta de Santos*. São Paulo: Brazil de Rothchild, 1915.

CLETO, M. P. Dissertação a respeito da Capitania de São Paulo, sua decadência e modo de restabelecê-la. *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1900.

DIAS, N. S. (coord) *Memória da Arquitetura de Santos no papel II*. Santos: FAMS, Fundação Arquivo e Memória de Santos, 2010.

DUARTE, P. Sambaqui visto através de alguns Sambaquis. São Paulo: Instituto Pré-História da USP, 1968. In: ANDRADE, W. T. F. de. *Antologia Cubatense*. Cubatão: Prefeitura Municipal, 1975.

FABRA, C. *São Vicente: primeiros tempos*. São Vicente: Osvan Luiz de Melo, 2010.

GAMBETTA, W. R. Desacumular a pobreza: limiar do século. *Espaço & Debates*. São Paulo, n. 11, Neru.

GIRAUD, L. *Photografias e fotografias do Porto de Santos*. Instituto Oceanum, 1996.

GONÇALVES, A. *Desenvolvimento econômico da Baixada Santista*. Santos: Leopoldianum, 2006.

HOBSBAWN, E. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

- INSTITUTO OCEANUM. Santos: Cidade marítima. Apresentação: José Carlos Rossini. 2005.
- KAPA, R. *Descoberta de sambaqui no Galeão traz novos elementos para compreensão da pré-história carioca*. 2015. Jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/historia/descoberta-de-sambaqui-no-galeao-traz-novos-elementos-para-compreensao-da-pre-historia-carioca-15659809>. Acesso em: 10 out. 2021.
- LE GOFF, J. *História e memória: Campinas, Unicamp*. 2003.
- LEME, P. T. de A. P. *História da Capitania de S. Vicente*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- LEMOS, C. *O que é patrimônio histórico*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- LICHTI, F.M. (org) *Poliantéia Vicentina: 450 anos de brasilidade. 1532 - 1982*. São Vicente: Caudex, 1982.
- _____. *Poliantéia Santista e História de Santos de Francisco Martins dos Santos revista (vol 3)* Prefeitura Municipal de Santos, 1996. 2 vols.
- LUIS, W. *Na capitania de S. Vicente*. São Paulo: EDUSP/ Itatiaia: BH, 1980.
- MADRE DE DEUS, G, OSB. *Memória para a história da Capitania de São Vicente, hoje chamada São Paulo*. São Paulo: EDUSP. (1ª edição:1797)
- MARTINS, M. *O Jeito Santista de Ser*. Fotos: Ernesto Papa e Tadeu Nascimento. Santos: Prefeitura Municipal, Departamento de Comunicação. Edição Comemorativa do 454º aniversário da Fundação da Cidade de Santos e 500 anos do Descobrimento, 2000.
- MORI, V.H. *Arquitetura Militar: um panorama histórico a partir do porto de Santos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Fundação Cultural Exército Brasileiro, 2003.
- MUNIZ JÚNIOR, J. *Fortes e fortificações do litoral santista*. Santos: Ed. do autor, 1982.
- NUNES, L. A. de P. *Saber técnico e legislação: a formação do urbanismo em Santos (1895-1951) - Dissertação de Mestrado*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: EDUSP.
- PEREIRA, M. A. F. *Café e História (coord.)*. Santos: Leopoldianum, 1995.
- PINTO, C. de S. *Cubatão: história de uma cidade industrial*. Cubatão: Ed. do autor, 2005.
- PROMESSA, J. L. *Reminiscência de Santos. 1543-1870*. Santos: Gráfico Santista, 1930.
- PROUS, A. *O Brasil antes dos brasileiros: a Pré-História do nosso país*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006. Ilust. por Adriano Carvalho.
- RODRIGUES, O. *Nos tempos de nossos avós. Santos de ontem*. Santos, 1976.
- _____. *Veja Santos!* Santos: Prefeitura Municipal, 1974.
- RUEDA, W. *Braz Cubas: Homenagem a uma vida*. Santos: Comunicar, 2007.
- SANTOS, F. M. dos. *História de Santos (1532-1536)*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1937. 2 vols.
- SALGADO, R.; SILVA, E. *Fortaleza da Barra Grande: Patrimônio histórico recuperado*. Santos: Leopoldianum, 2000.
- SECOMANDI, E. R. *Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande*. Santos. Leopoldianum, 2000.
- SERRA, N. E. *A Baixada Santista: seus problemas e soluções*. Santos: vários editores; impressão A Tribuna, 1985.
- SCHADEN, E. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- SOARES, M. B. *Introdução à formação econômica da Baixada Santista*. Santos, Assecob, 1984.
- SOUZA, A. *Os Andradas: Obra comemorativa do centenário*. São Paulo: Câmara Municipal de Santos, 1922.
- STADEN, H. *Duas viagens ao Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1988. (1º ed. 1557 em Marburgo - Alemanha.)

ABSTRACT

This is a brief report of the human occupation of the São Paulo State coast since Prehistory, from 8,000 BC to 1996, when the Metropolitan Region of Baixada Santista (Brazilian acronym, RMBS) was created to include the cities of Santos, São Vicente, Cubatão, Guarujá, Bertioga, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém, and Peruíbe. It was firstly occupied by the Sambaqui Man, who lived off the mangroves and threw food rinds, skins, shells and peels in one single spot, thus forming heaps called “sambaquis” (shell heaps or middens), where they also buried the dead. It was then occupied by the Tupi-Guarani peoples, who were better developed and who, around the year 1,000, defeated the sambaqui men, who fled to other shores, where they were known as “Botocudos”. The occupation by the Europeans marks the end of the Prehistory of the Coast, which becomes historic due to the Iberian colonization.

KEY WORDS

Prehistory. Coast. Sambaqui man. Indigenous people.

NOTAS

- ¹ Conferir: *Esqueleto encontrado em sítio arqueológico de Tarioba, em Rio das Ostras, RJ*. Fernando Frazão. *Jornal O Globo* – 2015) <https://oglobo.globo.com/brasil/historia/descoberta-de-sambaqui-no-galeao-traz-novos-elementos-para-compreensao-da-pre-historia-carioca-15659809>

ANEXO

Wilma Therezinha – fecit – 2014.

	Origens	Evolução	Cidade	Obs
1°	São Vicente 1508 – 1510	Vila em 1532 22 de janeiro	1895 31 de dezembro	1° núcleo urbano paulista e brasileiro
2°	Nova Povoação 1541 (Santos)	Vila do Porto de Santos Entre 1545 – 1547	1839 26 de janeiro	Porto de Santos
3°	Povoado de Cubatão Piaçaguera 10/2/1533	Porto de pé de serra para ir ao planalto	1948 24 de dezembro	Emancipação de Santos Realizada em 9 de abril de 1949
4°	Bertioga (Buriquioca)	Forte de São Thiago 1531 atual São João	1991 Bertioga	Emancipação de Santos Realizada em 1° de janeiro de 1992
5°	Conceição de Nossa Senhora de Itanhaém (abrangia Peruíbe)	Vila em 1561	Itanhaém 1906	Emancipação de São Vicente em 1561
6°	Praia de Nossa Senhora Conceição (Praia Grande) Caminho para Itanhaém	Taipu (incluía Mongaguá em 1765)	Praia Grande 1963 28 de fevereiro	Emancipação de São Vicente
7°	Mongaguá Caminho para Itanhaém	Rio de pesca dos Tupis	1958 31 de dezembro	Emancipação de Itanhaém
8°	Peruíbe Caminho para Iguape	igreja de São João Batista, ruínas do Abarebebê	1959 18 de fevereiro	Emancipação de Itanhaém
9°	Vila de Santo Amaro (desapareceu)	Vila Balneária (Guarujá) 1893 - 6 de set. Estância Balneária 1934 – 30 de jan.	Guarujá 1934	Emancipação de Santos

